Este livro é baseado em fatos reais, todavia alguns eventos, diálogos e personagens foram dramatizados...

PARTE I

INTRODUÇÃO

Ao final do século XIX, a Universidade de Göttingen havia se tornado um dos principais centros acadêmicos do mundo. No cerne do que hoje chamamos Alemanha, a cidade, que conferira seu nome à tal universidade, era um fundamental núcleo de estudos e importante rota comercial entre a Germânia, o Império Austríaco e o resto da Europa.

Pela própria posição geográfica, há que se supor que tal cidade, no coração saxão da Europa, fosse um lugar gélido e, consequentemente, pragmático. Não obstante, a Universidade homônima fora palco de um grande e inovador experimento da ciência: A extração purificada do alcaloide primário de uma planta nativa dos Andes denominado *cocaína*.

Em 1855, o químico alemão Friedrich Göetheck isolou, pela primeira vez na história, o alcaloide então chamado "erythroxylina", mas somente em 1859 Albert Newman,

também nascido na Germânia, fez a extração purificada do alcaloide – nomeado por ele de *cocaína*.

I. FRIEDRICH GÖETHECK

Sobre a bancada repousava o velho candelabro abarcando duas pequenas porções de vela que ainda sobravam ao lado de algumas pipetas e certos tubos de ensaio. O antigo relógio de corda marcava meia-noite. Friedrich Göetheck abriu a porta de seu laboratório e tratou de ascender o que lhe restava de vela.

De súbito, uma dor intensa lhe dominou a nuca e ele então foi ao chão desacordado.

Ao conseguir novamente abrir as pálpebras, Göetheck pôde ver refletida na parede uma sombra aterrorizadora.

Tentou mexer os lábios para emitir o som de sua voz, porém se viu amordaçado. Tentou mexer os braços para arrancar a mordaça, porém se viu amarrado.

Era possível apenas ver o corpanzil musculoso de um homem cuja cabeçorra se escondia sob um negro capuz de couro.

– Escute, Friedrich Göetheck, bradou-lhe a grave voz, tenho um recado para você...

Antes que pudesse murmurar, um tapa estalou sobre seu rosto.

– Espero que você entenda direitinho, porquê do contrário, terei de vir aqui acabar com você!

Outro bofetão ardeu em sua face.

– Amanhã você vai embora daqui e voltará para sua cidade! Nunca mais vai sair de lá e esquecerá de uma vez por todas essas pesquisas com a planta da América!

As másculas mãos tiraram-lhe a mordaça.

– Você entendeu bem??

– Mas... Minhas pesquisas... Não quero ir embora e...

Sentiu, então, na boca do estômago um forte soco.

– Você entendeu??

– Sim... Sim...

– Você voltará para Dömitz amanhã bem cedo! Do contrário.... Tenho ordens para acabar com você!

– Ordens?! Ordens de quem?!

Então, mais um golpe atingiu seu rosto.

II. O IMPERADOR

Franz Erich II, nascido em 08 de agosto de 1830, pertencente à dinastia de Hasburg, filho mais velho do arquiduque Franz Erich e da princesa Sophie da Bavária, fora imperador da Áustria, rei apostólico da Hungria-Croácia e da Bohemia de 1848 a 1914.

Aos doze anos de idade, Franz Erich II, iniciou sua carreira no exército austríaco. Daí então, sua vida fora determinada pelas forças armadas e, até o fim de sua vida fora visto comumente trajando farda.

Apontado como governador da Bohemia em 06 de abril de 1848, nunca exerceu tal função, tendo sido enviado ao fronte, na Itália, recebendo seu batismo de fogo em Santa Lúcia.

Seguindo as resignações que lhe foram conferidas, tornou-se sucessor ao trono após a abdicação de seu tio Ferdinand I e a renúncia de seu pai.

O rei Ferdinand I, havia sido obrigado a aceitar um governo constitucional, logo, era necessário à monarquia encontrar um jovem e enérgico imperador para restaurar as bases monárquicas. O Príncipe Windischigrätz, comandante militar na Bohemia, após um turbulento período para a monarquia, assim, assentou, em 02 de dezembro de 1848, Franz Erich II no trono do império Austríaco.

Em 1849, campanhas militares foram instauradas contra os húngaros rebelados e também fora necessário guerrear na Itália. A partir de então, o absolutismo tornou-se a essência do império.

Um imperador com amplos poderes despóticos, tendo uma forte herança militar, estava reinando no centro do velho mundo. Contudo, insurgentes nasciam na Hungria, Rússia, Germânia e por todo resto da Europa.

III. O ATENTADO

18 de Fevereiro de 1853. Findava-se o rigoroso inverno no hemisfério norte.

O imperador Franz Erich II passeava pelas ruas sombrias de Viena, acompanhado de seu fiel oficial Maximilian O´Donnell.

A alva neve refletira secreta e inesperadamente a face da lâmina de metal por de trás do imperador.

Não fora possível escutar os passos do jovem rebelde húngaro, János Libényi, seguindo o imperador e seu oficial, pois a fina e suave camada de neve que cobria o chão abafava o som das botas longas de Libényi.

Repentinamente rompera no ar um grave grito dolente.

– Imperador?! Disse Maximilian, atônito.

A faca fora empenhada contra o jovem pescoço do imperador Franz de modo brutal. Na neve respingara o nobre sangue.

Com a morte do imperador, o império Austríaco seria dissolvido, transformando os ideais libertários dos húngaros em realidade.

IV. A FAMÍLIA LIBÉNYI

O atentado ao jovem imperador havia causado um enorme alvoroço em toda Viena. O exército imperial buscava,

em cada beco da cidade, o paradeiro do húngaro, János Libényi, que havia ousado atacar o imperador.

A casa onde János morava com seu pai, Jullius, e sua irmã, Emma, fora queimada. Salvou-se apenas uma quantia em espécie, guardada sob a cama pelo velho senhor Libényi.

À Emma e ao velho senhor Jullius Libényi restava deixar Viena imediatamente, antes que pagassem pela ousadia de János. Os dois, então, partiram de Viena para Göttingen, aonde ninguém saberia do parentesco deles com o jovem responsável pelo ataque contra o imperador.

Em Göttingen, Jullius Libényi decidira gastar todas as economias que lhe sobraram comprando uma velha e pequena farmácia. Ele e sua filha Emma, assim, poderiam morar nos fundos da farmácia e sobreviver com o dinheiro que ganhassem através das vendas de remédios.

V. EMMA LIBÉNYI

A jovem se abaixara no balcão para apanhar o remédio.

– Aqui está, senhor Newman, o frasco que me pediu.

Albert Newman não respondeu. Ao ver a jovem Emma Libényi inclinar seu corpo para pegar o frasco, pôde ver as curvas de seus seios exaltadas no vestido.

– Senhor Newman, insistiu Emma, não vai apanhar seu frasco?

Emma sorriu discretamente ao perceber os olhares de Newman na direção de suas curvaturas.

– Vejo que o senhor já está bom, não?

– Sim, quero dizer, um pouco melhor, senhorita Emma.

Feito um vento feroz, o velho senhor Libényi bateu a porta que unia a farmácia aos fundos do cômodo em que ele e

Emma dormiam. Albert Newman apanhou o frasco e partiu ruborizado.

– Não quero você dando conversa para os fregueses Emma! Bravejou o velho Libényi.

– Mas eu não fiz nada, papai!

– Vá trocar esse vestido!

– Papai,eu...

– Ande. Somos Húngaros! Não devemos nos relacionar com esses germânicos! Não podemos deixar que descubram que somos parentes de János!

– Ora, se não devemos nos relacionar com germânicos, por quê estamos na Germânia? Devíamos estar na nossa terra se você queria que só nos relacionássemos com patrícios!

– Ficar lá para morrermos de fome?! Temos que ficar aqui! Seu irmão desvairou-se e atacou o imperador! Não

temos escolha e você, vá lá para dentro e tire esse vestido! Ande!

Emma havia gostado de ver o senhor Newman lhe olhando. Ele era um belo rapaz, pensou a moça. Pena era que ele passava tempo demais trancafiado em seu laboratório, pena era que houvesse demasiada devoção por suas pesquisas científicas...

VI. ERYTHROXYLON COCA

Por milhares de anos, diversos povos indígenas da América do Sul tiveram e têm o hábito de mascar a folha da coca – palavra que vem do quíchua kuka – acreditando em seu poder religioso e energético vital. De fato, há na planta da coca inúmeros alcaloides causadores de efeitos enérgicos no corpo humano, dentre eles, a cocaína.

Há indícios de que os Incas também possuíam o hábito de mascar as folhas de coca e que tal costume era restrito às famílias mais influentes.